RELAÇÕES DE PODER NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO E DA ARTE: DIÁLOGO ENTRE GOFFMAN, FOUCAULT E BOURDIEU

Francisco Alves de Oliveira Júnior[1]
Maria Cristiane Lopes da Silva[2]
Alcides de Amaral[3]

Resumo

Este artigo desenvolve uma reflexão que procura estabelecer a possibilidade de um diálogo de Goffman com Foucault e Bourdieu. O objetivo é propor um debate conceitual em torno da noção de *poder* nas perspectivas teóricas destes autores, fazendo aproximações com os campos da arte e da educação, abordados através de experiências empíricas distintas. O argumento central do artigo assenta sob campos de pesquisa interdependentes – Cultura, Educação e Arte – desenvolvidos em três pesquisas em andamento. No domínio da arte, a investigação se dá em torno do espaço da *resistência* e *criatividade* frente às formas de *dominação* do campo. Em seguida, ao tratar de educação, a investigação se alinha na abordagem do poder como instrumento de *dominação*, *sujeição* e *disciplina*. Busca-se como possibilidade, o diálogo entre uma perspectiva orientada para

[1]Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)
[2]Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)
[3]Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)

uma tradição microssociológica concentrada na análise na interação situacional e uma abordagem de poder entendido no seu sentido relacional. Parte-se do pressuposto de que para uma teorização do sujeito moderno, descentrado e relacional, só é possível a partir de um diálogo entre uma abordagem que considere ação e estrutura como partes indissociáveis da relação social.

Palavras-Chave
Poder; Dominação; Arte; Educação; Descentramento do sujeito.

Abstract

This paper develops a discussion that seeks to establish the possibility of a dialogue between Goffman, Foucault and Bourdieu. The objective is to propose a conceptual debate around the notion of *power* in the theoretical perspectives of these authors, approaching the fields of art and education, approached through different empirical experiences. The main argument of the article is based on interdependent fields of research – Culture, Education and Art – developed in three ongoing research projects. In the field of art, the investigation takes place around the space of *resistance* and *creativity* in the face of forms of field domination. Then, when dealing with education, the investigation is aligned with the approach of *power* as an instrument of *domination*, *subjection* and *discipline*. As a possibility, the dialogue between a perspective oriented to a micro sociological tradition focused on the analysis of situational interaction and an approach to power understood in its relational sense is sought. It is assumed that for a theorization of the modern, decentered and relational subject, it is only possible from a dialogue between an approach that considers action and structure as inseparable parts of the social relationship.

Keywords
Power; Domination; Art; Education; Decentring the subject.

1 Introdução

O presente trabalho apresenta pesquisas sobre *relações de poder e dominação* no campo da educação e da arte. Para o efeito, recorre-se a categorias conceituais de Pierre Bourdieu, Erving Goffman e Michel Foucault. Cientes de que Bourdieu condenaria qualquer teorização que não esteja vinculada imediatamente com a pesquisa empírica, o trabalho se vale de levantamentos de trajetórias de pesquisas anteriores e assume as limitações de um trabalho de pesquisa em andamento, ponto de partida onde se encontra em reflexões e tentativas de teorização a partir de uma rede conceitual que gire em torno de uma sociologia do poder.

As pesquisas, apesar de advindas de temáticas diferentes, têm em comum o fato de partirem de uma perspectiva descentrada do sujeito cuja possibilidade de teorização é a proposta do presente trabalho. A pesquisa relacionada às artes não tem como sujeito o indivíduo artista ou o grupo coletivo de artistas, mas a própria rede de relações que se estabelecem no campo, seus vínculos afetivos e o espaço da criatividade. As pesquisas relacionadas ao campo da educação ao invés da instituição escola como sujeito ou os próprios professores e alunos, tem como sujeito, por um lado, as estratégias de diálogo, mediação de conflitos e os círculos de construção de paz; e, por outro, a experiência da Universidade Eduardo Mondlane em Moçambique enquanto campo científico que goza de uma relativa autonomia em contextos específicos de relações políticas.

Em termos concretos, a ideia deste trabalho é estabelecer uma tentativa de teorização do sujeito moderno, este compreendido, a partir do ponto de vista da perspectiva de Marrero-Guillmón (2012), no sentido descentralizado e relacional com base, propomos nós, em uma discussão do indivíduo sem esquecer da sua interdependência com a estrutura social. Marrero-Guillmón parte do pressuposto de que, por possibilidade, uma das correntes que se apresenta como desinteressada pelo conceito do sujeito é uma das melhores que podem contribuir para questioná-lo e teorizá-lo considerando uma virada de perspectiva no que concerne, tanto à concepção de "sociedade", quanto ao trato com as ações mais mecânicas e habituais das relações sociais (idem).

Para o autor, isso significa (e implica na discussão do sujeito descentrado e relacional), de um lado atribuir àquelas ações o mesmo valor sociológico de análise que os grandes sistemas e organizações supra-individuais gozam do privilégio. Isto é, é preciso entender, na esteira de Simmel (2001 apud Marrero-

-Guillamón, 2012), que as questões mais banais, situacionais e corriqueiras da realidade social constituem os alicerces sobre os quais se pode compreender a sociedade, esta entendida como um complexo de relações sociais complexas que se definem nos comportamentos que muitas vezes nos passam despercebidos no cotidiano, porque "familiares" e "banais".

Por outro lado, ainda na perspectiva do autor, a "virada de perspectiva" (expressões por nós empregue), pressupõe considerar a sociedade não como uma identidade "*a priori*, preexistente e substancial, mas como resultado de um complexo processo de operações de "ligação [*enlance*] e colagem [*vinculación*]"[4]. Essas ações cotidianas seriam, portanto, operações de formação da sociedade" (Marrero-Guillamón, 2012, p. 313)[5]. Assim, procurando estudar o impacto desta "virada" na noção do sujeito, o autor constata que a teoria interacionista-situacional desenvolve três ideias principais — A origem interativa do sujeito, sua multiplicidade constitutiva e a importância das relações de superfície em sua configuração como entidade social — e conclui que a possibilidade de uma teoria de sujeito descentrado e relacional teria que partir destas afirmações.

Assim, tendo como base o ponto de partida tomado por Marrero-Guillamón, e que o levou à sua proposta, e numa tentativa de pensar o referido sujeito a partir (e para além) da teoria situacional-interacionista, o nosso trabalho pretende propor uma teoria do sujeito contemporâneo, este relacional e descentrado, a partir da proposta teórica de Erving Goffman num diálogo permanente com Michel Foucault e Pierre Bourdieu. Se Goffman não se interessou por questões "centrais" da sociologia como a "estrutura social", o seu trabalho, defendemos, pode dialogar perfeitamente com os que se dedicam nela, por exemplo, Pierre Bourdieu. E é a partir desse diálogo que pode ser possível satisfazer a pretensão de Marrero-Guillmón considerando mesmo as diferentes afirmações por este sugerido e que foi apresentado acima.

[4]Tradução livre nossa. Mantivemos os termos originais entre parêntesis por pressupormos que eles significam.

[5]Goffman, na sua introdução do livro "Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise", considerava, como opinião pessoal, a "preexistência" da sociedade em relação ao indivíduo. Diz ele: "Eu pessoalmente penso que a sociedade vem em primeiro lugar em todos os sentidos e que quaisquer envolvimento atuais do indivíduo vem em segundo; este trabalho trata apenas de assuntos que vêm em segundo lugar" (Goffman, 2012, p. 37). Apesar desta modéstia de Goffman, acreditamos que articulando o que pode vir em primeiro com o que vem em segundo é possível construir uma teoria que dê conta da noção do sujeito até recentemente assumido como condição apenas do que vem em primeiro.

É nesse sentido que se propõe aqui uma discussão de pontos comuns no que se refere ao processo de interação, o sujeito e as relações de poder. O objetivo central do artigo é de propor uma noção de sujeito moderno como uma possibilidade a partir do diálogo entre uma perspectiva orientada para uma tradição microssociológica cujas bases assentam numa "ordem de interações", isto é, assentada numa abordagem teórica situacional-interacionista, concentrada na análise na interação situacional que aqui é representada por um dos seus maiores expoentes (Erving Goffman), e uma abordagem de poder entendido no seu sentido relacional aqui representado por Pierre Bourdieu e Michel Foucault.

O argumento central do artigo assenta sob três campos de pesquisa interdependentes – Cultura, Educação e Arte – desenvolvidos em três pesquisas em andamento. Como forma de aproximação à objetivação da presente reflexão, partimos das seguintes questões: Como compreender o sujeito a partir de uma articulação dialógica entre uma abordagem interacionista-situacional e a concernente às relações de poder? Que concepções podem ser construídas a respeito do sujeito a partir da tradição microssociológica da sociologia considerando esse sujeito num contexto de relações de poder? Aliás, se tanto o sujeito como o tipo de poder aqui em contexto são "relacionais", não será possível concebê-lo igualmente, ou articuladamente, a partir de (ou com) uma perspectiva interativa situacional?

Estas questões serão tratadas, a menos parcialmente, no presente artigo. Num primeiro momento esboçamos, muito brevemente, as diferentes linhas de pesquisa a partir das quais se constroem as linhas de pensamentos que embasam a presente reflexão. Assim, Arte, Cultura e Educação serão concretamente discutidas de modo a apresentar as bases sobre as quais se assentam as nossas colocações. A seguir, num segundo momento, estabeleceremos uma discussão, igualmente breve, que permite aproximar Goffman às abordagens de Foucault e Bourdieu tendo como elemento central da discussão o sujeito. Num terceiro momento, articulamos a abordagem possível a partir da discussão anterior com a própria noção de sujeito descentralizado e relacional construído a partir de alguns elementos empíricos. E finalizamos com as considerações finais[6].

[6]É preciso realçar que, tratando-se de pesquisas em andamento, as afirmações aqui levantadas se encontram ao nível teórico hipotético. Todavia, tratando-se de uma tentativa embora simples, ousada, cremos que as considerações sugeridas no presente trabalho podem ser aprofundadas e melhor sistematizadas.

2 Inserção no Campo de Pesquisa: Uma Breve Contextualização

Como mencionado, a ideia preponderante do artigo está embasada em dois campos de pesquisa interdependentes – Cultura e Arte e Educação – desenvolvidos a partir de três pesquisas em andamento. Cabe ressaltar que o trabalho de campo não foi compartilhado empiricamente, mas procuramos enveredar esforço reflexivo para a construção desta discussão com a pretensão de discutir alguns elementos empíricos cuja teorização permitiria uma aproximação ao cerne da proposta aqui apresentada. À vista disso, tecemos uma breve apresentação dos campos de estudos a fim de apontar as peculiaridades de cada pesquisa e os pontos de articulação entre as mesmas.

2.1. Resistência e criatividade: Problemas a partir da insurgência no campo artístico

O primeiro campo de pesquisa estabelece-se dentro das investigações na Sociologia da Arte. Essa investigação[7], em primeiro momento, baseou-se nos cruzamentos entre Sociologia e Cinema, os caminhos metodológicos de apropriação sociológica das imagens, a começar de aportes da estética sociológica, de parte da tradição marxista na arte, da produção de conhecimento no campo das imagens, da teoria do cinema e seus pensadores. Naquele momento, o interesse estava na análise fílmica, não dos seus públicos ou autores, mas do produto de uma rede de relações. Investigou-se as narrativas contra-hegemônicas em um filme e a existência de um cinema que reivindica a oposição ao cinema hegemônico.

Apresenta-se, portanto, o andamento de uma pesquisa sobre a constituição da rede de relações interdependentes no campo do cinema "independente" contemporâneo no nordeste do Brasil e como essas relações articulam discursos de transgressão, dissidência e subversão nas artes, em especial no cinema piauiense, que desde a década de 70 reuniu expressivamente grupos de realiza-

[7]C.f.: OLIVEIRA JR., F. A. de. Narrativas contra-hegemônicas: A Sociologia e o Cinema das imagens de resistência em Bacurau. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí. Acesso em dezembro de 2021.

dores munidos de uma câmera e movidos pelas *guerrilhas semânticas* em torno de suas formas de existência no mundo — diretamente ligada às categorias conceituais da *criatividade* e *resistência*, às formas de dominação e às convenções da linguagem — no campo da imagem.

Dentro do campo de disputas da imagem, são os coletivos de produção audiovisual independentes, formados majoritariamente por jovens, que ocupam um dos espaços na centralidade das tensões e disputas de poder simbólico (BOURDIEU, 2016) e das políticas da imagem (BEIGUELMAN, 2021). Portanto, em contraponto às produções hegemônicas, que ocupam uma posição privilegiada no mesmo campo artístico. O cinema, visto aqui como um espaço expandido de transgressão e *representificação* (MENEZES, 2014) nas ações protagonizadas pela juventude dos coletivos de produção independente, é o instrumento de insurgência dentro e fora dos campos da estética, política e nas práxis do fazer fílmico.

Há convergências entre as imagens conceituais da *Criatividade*, da *Resistência* e da *Agência*, mas também distinções significativas. Segundo Joas (1997, p. 16 apud BORTOLUCI, 2014, p. 64), grande parte das teorias da criatividade [na sociologia] cometeu a falácia da '*misplaced concreteness*'". Bortoluci (2014) afirma que em *The Creativity of Action*, Hans Joas chama atenção para o fato de que historicamente a sociologia tratou a criatividade somente relacionada à atividade artística, ao trabalho ou a práticas revolucionárias, excluindo assim a criatividade da vida cotidiana, ou estabelecendo limitações a extensão da ação criativa.

Nesse sentido, Joas (1997) aponta para o fato de que a própria noção de criatividade pode ser entendida em contextos diferentes e com abrangências diferentes, assim como Pereira (2015) ao perceber as limitações de uma concepção de agência mais relacionada a uma resistência ativa ou atos revolucionários e menos relacionada às formas de resistências passivas, elas mesmas podendo serem vistas como agências. Pensa-se que limitar a criatividade à esfera artística, excluindo-a da vida cotidiana, criaria a falsa noção de que a produção das artes se limita aos contextos de sua execução imediata da obra, excluindo desvios e irrupções nas trajetórias individuais para *tornar-se* artista, bem como a instrumentação do conhecimento adquirido no campo artístico para a vida cotidiana e daquela para os contextos de produção das obras.

A *educação audiovisual*, ou seja, aqui no sentido de suas práticas de produção e a difusão de material audiovisual, é construída através do *processo de*

socialização dos indivíduos. Trata-se de um processo de socialização multifacetado, que não só orienta suas ações dentro do contexto de produção das obras de arte, mas também fora desse contexto. Dessa forma, o *habitus* do realizador audiovisual pode ser percebido em contextos diversos como resultado de processos incorporados mais ou menos inconscientemente neste grupo. No caso do cinema, o *modus operandi* parte da formulação de convenções, no sentido de Becker (2010), a partir da produção industrial de cinema tendo o tipo *hollywoodiano* como tipo ideal[8]. A questão é: o que foge à regra das *convenções*?

Bourdieu (1996, p. 64), analisando o campo literário, aponta que a experiência entre os artistas e novas formas de dominação, especialmente a figura do "burguês" aos quais se sujeitaram, tem relação com a ascensão dos novos ricos, donos de "fortunas colossais" e avessos às culturas artísticas, "dispostos a fazer triunfar em toda a sociedade os poderes do dinheiro e sua visão do mundo profundamente hostil às coisas intelectuais". O mesmo pode ser percebido no campo do cinema. A manutenção da estrutura de poder dominante afeta, portanto, as políticas culturais, os artistas e diretamente a produção e convenções artístico-culturais de uma comunidade.

Invoca-se a teoria bourdieusiana do *habitus* para tratar de *resistência*, a contraparte da relação de poder, de forma que uma das abordagens sobre criatividade tem certamente relação com resistências às formas de dominação em um campo. O conceito de *habitus* de Bourdieu tende a pensar o indivíduo como uma *homogeneidade* de disposições que formam um sistema. Para Bourdieu, o habitus é um sistema de disposições fortes, duráveis e transponíveis, um princípio gerador de práticas. O habitus proporciona um *ajuste entre condições objetivas e disposições subjetivas*, levando a uma relação circular de reprodução.

Mas que espaço para a criatividade/resistência Bourdieu destina dentro de uma teoria do *habitus*? Bourdieu (1972) denomina *efeito de histeresis do habitus*, o fenômeno da atualização das disposições subjetivas não ajustadas às condições objetivas, momento em que é possibilitado uma reordenação das disposições junto ao contexto. No entanto, para Bourdieu, tal efeito é uma exceção ou uma anomalia, o que é alvo de crítica para sociólogos como Bernard Lahire, que por meio de pesquisas empíricas, aponta uma pluralidade interna de disposições e pluralidade externa de contextos como multi determinismos (VANDENBERGHE, 2016), defendendo a regra da exceção. Acreditamos que devesse retornar

[8]Tem-se aqui em consideração o sentido weberiano do tipo de ideal. Cf. WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva (Vol. 2). São Paulo: EdUnB, 2004.

aos processos de socialização para compreender a incorporação de uma *educação audiovisual* e suas formas de resistência na prática social.

Dentro desse contexto, a ausência de cinematografias diversas nos locais de fruição (nem tão) populares e (nem tão) mais acessíveis do cinema, como os cinemas de shopping, revela um projeto dos espaços sociais ocupados pelos interesses do mercado, isto é, dos estúdios que financiam massivamente a produção de filmes selecionados por (e de interesse dos) dominantes do campo. A circulação das cinematografias que estão fora do eixo hegemônico enfrenta de forma bastante árdua o problema da difusão internacional das suas produções. Segundo dados da Ancine em 2017, "com 28% do total de títulos lançados, os filmes dos Estados Unidos foram responsáveis por 85% dos ingressos do ano" (BUTCHER, 2019, p. 15). Enquanto isso, o Brasil não conseguia ocupar nem um terço das salas de cinemas nacionais, já amplamente ocupadas pelo cinema *hollywoodiano*.

O *cenário*, para utilizar uma terminologia de Goffman (2014), é notadamente marcado por relações desiguais de poder, por hierarquias e distribuição desigual de capital simbólico. Na interação entre uma equipe de filmagem de molde industrial, a hierarquização de poder é nitidamente estabelecida, enquanto os coletivos juvenis tendem a optar por uma *horizontalização* dos processos criativos e de trabalho (MENDES, 2020). Dessa forma, a própria forma de produção das obras, a prática social do cinema vista internamente, é marcada por moldes industriais (MIGLIORIN, 2010), sendo subvertida por dominados do campo. Essa subversão se dá não somente pela necessidade a partir de limites materiais e técnicos, mas também pela incorporação criativa de um novo *habitus*, surgido a partir da horizontalização dos processos de produção e pelo que se convencionou chamar de *estética das equipes* (MIGLIORIN, 2010).

O *palco* dos realizadores audiovisuais independentes, as *convenções* (BECKER, 2010) e a produção de conhecimento técnico dentro do campo é estabelecida a partir de relações de poder desiguais, assim, os dominantes do campo estipulam o que é esteticamente aceitável ou não, fazendo isso seja por meio da seleção de quem é exibido ou deixa de ser exibido em uma sala de cinema, ou por meio de premiações em espaços de legitimação como os festivais internacionais e mostras internacionais de cinema. O artista, para existir enquanto tal, precisa passar pelo crivo do reconhecimento. Assumir uma posição marginal ou contra-hegemônica na arte e também ocupar espaços que estão fora dos eixos e instâncias de reconhecimento. Assim, o cinema "independente", por exemplo,

tem seus próprios espaços de difusão e circulação, quase não disputando com o cinema hegemônico, a não ser que passe a jogar as regras daquele jogo.

Ao reivindicar uma arte insurgente, o que passa a ser subversivo não é somente a obra, mas o próprio artista, o que faz com que o público tenha uma expectativa de uma certa performance coerente com o discurso artístico. Nesse ponto específico, a análise dos *frames*, da *representação do eu na vida cotidiana* e do *comportamento em lugares públicos* de Goffman auxilia a compreender as performances na interação de artistas com o público ou entre artistas. Assim, a fachada pessoal de cada artista, em um contexto que venha a portar-se como tal, parte de uma elaboração ligada ao seu discurso artístico, sob pena de perda de capital simbólico no campo da arte caso passe a agir de maneira incoerente. A manutenção da fachada também está ligada ao que Goffman chama de *lealdade* do grupo, quando outros artistas auxiliam seus pares na manutenção da representação estabelecida na interação. Uma perspectiva interacionista no campo da arte poderia proceder de maneira semelhante na análise do campo artístico.

Terminologias adotadas como "cinema latino", "cinema estrangeiro", "cinema iraniano" nas abas dos nichos de filmes dos aplicativos de streaming (o que já acontecia nas locadoras de fitas), são formas de classificação que partem de cima para baixo, dos dominantes do campo (outrora as vanguardas europeias e hollywood, atualmente as grandes empresas e produtoras multinacionais), para classificar tudo o que não é o "verdadeiro cinema", aquele produzido pelos dominantes do campo. Em termos de cinema de arte, as *vanguardas europeias* ocuparam um lugar central e privilegiado no século XX, o que repercutiu na produção contemporânea e nos atuais espaços de difusão.

A produção, difusão e prática social do cinema são marcadas pela nítida dominação de grandes estúdios e produção de moldes comerciais. "Nos estudos cinematográficos, um outro nome para eurocentrismo é *hollywoodianismo*" (SHOHAT; STAM, 2006, p. 61). É neste contexto da hegemonia e dominação do campo das imagens e sons no cinema pela indústria norte-americana que surgem com mais expressividade o que se pode denominar por *Cinemas-Outros*, isto é, sistema cuja a relevância, segundo Oliveira Jr. (2021), está na possibilidade de entrar na disputa das lutas de classificação no campo do cinema, para narrar e construir histórias a partir da perspectiva de um olhar não-dominante.

Dessa forma, a investigação se debruça sobre a *resistência* como forma de insurgência aos modelos de produção, às convenções e aos processos de domina-

ção do campo artístico. Bourdieu (1996), analisando o campo literário, apresenta o campo artístico surgido a partir dos conflitos com os interesses de um campo de poder dominante atrelado à burguesia, em uma relação de oposição. Toma-se como ponto de partida a teoria dos campos e habitus de Bourdieu, vinculada à relevância dos processos de socialização, a fim de definir a educação audiovisual como ponto de partida para entender processos de dominação na produção de conhecimento e recepção das imagens.

Por fim, entende-se que as possibilidades de compreensão dos processos de produção e de circulação de obras audiovisuais insurgentes, produzidas a partir de lugares marginalizados, periféricos e impedidos de dizer/filmar, passam por uma investigação dos processos criativos, das tentativas de ruptura ou reinvenção com a linguagem, as possibilidades de ingerência nos modelos de produção hierarquizados a partir de um molde de produção industrial, e os sentidos acionados pelos grupos produtores, criados através de vínculos afetivos. Enfim, uma investigação virada para a análise das relações de poder no campo da arte.

2.2 Das interações face a face na escola a relações de poder na escola e universidade

Como já mencionado, o segundo campo de pesquisa cinge-se em dois trabalhos que têm espaços sociais distintos como campo de estudo: a escola e a universidade. E, para além disso, ambas dizem respeito a duas realidades distintas. A primeira é construída desde a realidade social da escola no Brasil, enquanto a segunda constrói-se a partir de uma realidade social da universidade em Moçambique. A despeito destas diferenças, a característica transversal destas duas pesquisas dá-se pelo fato de ambas lidarem com realidades cuja as características se apresentam como espaços de intercâmbio social concreto, onde a análise das micro relações que se estabelecem nelas possam ilustrar os micropoderes[9] que as legitimam, cuja descrição mais ou menos aproximada, parece ser Goffman quem se encarregou.

Por um lado, defende-se que esta característica transversal não pode excluir da análise a força que a estrutura, definida pelos contextos específicos no qual

[9]Micropoderes entendidos aqui desde uma perspectiva de Foucault. C.f.: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2017.

os micropoderes caracterizam as pessoas em interação, exerceria nela. As linhas orientadoras desenvolvidas nos dois trabalhos se aproximam desse aspecto. A partir de uma experiência que se dá no chão da escola e no interesse pelas estratégias de intervenção dos professores emerge algumas interpelações e curiosidades que levaram a investigação em torno da temática[10]. Por outro lado, as relações de poder inerentes à questão da universidade enquanto campo social cuja relativa autonomia em concreto se coloca em relação aos outros campos constituintes, por exemplo, o político e o econômico. É a análise destas relações complexas que são os interesses do segundo terreno de pesquisa[11].

No que concerne ao primeiro caso, parte-se do pressuposto de que a prática de mediação de conflitos e os círculos de construção de paz afiguram-se como estratégias de intervenção nos conflitos utilizadas pelos professores como formas de facilitar o diálogo sobre diversas temáticas, situações e problemas que surgem no cotidiano pedagógico no seio da educação básica. Segundo Almeida (2009, p. 77), esta prática objetiva contribuir com o manejo das situações conflitivas, nas quais os sujeitos participantes são convidados para um processo de conversação promovendo, segundo Vezzulla (2010), uma participação responsável, inclusão e a emancipação das comunidades no exercício da sua autogestão cooperativa.

Neste contexto, o esforço conceitual da pesquisa em andamento é de aproximar a reflexão da mediação de conflitos e dos círculos de construção de paz a partir da interação face a face, conforme a acepção de Goffman (2014). Segundo este teórico, estas interações são identificadas estritamente como aquilo que ocorre unicamente em situações sociais, isto é, ambientes nos quais dois ou mais indivíduos estão fisicamente na presença imediata um do outro. Então, a mediação e os círculos acontecem, no contexto da pesquisa, como sendo o encontro na copresença das pessoas, que se reúnem para conversarem sobre determinada situação social, e que causam impactos nas subjetividades, construindo suas fachadas para manutenção e permanência na interação social (GOFFMAN, 2011).

Todavia, os círculos de construção de paz também surgem na escola como mais uma estratégia para o manejo dos conflitos e discussão sobre temas relevan-

[10] C.f.: SILVA, M. C. L. da. **Círculos de Construção de Paz**: experiência e olhares na escola pública. Fortaleza - Ce. 2020. 186 fls. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.

[11] C.f: DE AMARAL, Alcides A. **"Ensino de sociologia entre poderes"**: História e Institucionalização do Curso de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane (1995 a 2012). Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Fortaleza, 2021.

tes que afetam o cotidiano escolar. Assim, nem os círculos nem a mediação são originários do processo educativo, mas embrenham-se nas práticas pedagógicas com o intento de contribuir com o diálogo no enfrentamento das situações complexas na escola. Entretanto, os círculos se diferem da mediação de conflitos porque tem elementos e organização bem específicos. Isto é, constituem-se, segundo Silva (2020), como recursos metodológicos inspirados nas manifestações mais distantes da concepção moderna de sociedade. No caso do Brasil, estes círculos, inspirados, por exemplo, nas tradições dos povos indígenas vêm conquistando cada vez mais consideração e apropriação nos mais variados espaços institucionais (idem).

Portanto, na escola, os círculos e a mediação são utilizados metodologicamente como ações pedagógicas na facilitação do diálogo, igualmente, na manutenção da instituição através de aspectos particulares no que concerne aos encontros de processamento de pessoas. Como diria Goffman (2019), que, por mais que se dê através da interação face a face ou, como é o caso aqui em questão, interações mediadas por outras pessoas, acabam afetando a vida dessas mesmas pessoas e, indiretamente, as instituições nos quais são membro[12]. Isso demonstra que desconsidera os aspectos mais estruturais na abordagem da sua filosofia. Simplesmente deixa que os outros, como Bourdieu, por exemplo, se dediquem nisso.

Por outro lado, estes aspectos mais estruturais são levantados no segundo caso. Isto é, na pesquisa que coloca como foco as relações de poder e a sua influência na universidade enquanto um campo relativamente autônomo em relação a um macrocosmo. Parte-se do pressuposto fundamental de que a universidade em Moçambique é perpassada, igualmente, por micro conflitos que, segundo Bourdieu (2004), são inerentes às características do próprio campo. Nestes se encontram relações de lutas que contribuem, aliás, influenciam, como diria o próprio Bourdieu (GOFFMAN, 2019), na própria reprodução da estrutura social. Entretanto, para Goffman (2019), as próprias relações situacionais, aquelas que caracterizam a ordem da interação, também têm influência nesta reprodução.

O que então se propõe na pesquisa é a análise das relações de poder cujo centro gravitacional é o Estado, e o grupo responsável pela sua gestão, seja esta

[12]A noção de membro é central para a sociologia de Erving Goffman. Ele diz respeito tanto ao sentimento de pertença a um grupo quanto à participação subjetiva na ordem da interação. A linhagem pela qual se desdobra na abordagem desta noção é orientada a Durkheim (cf. Goffman, 2012, 2011, 2019). Restaria-nos pensar sobre como Bourdieu e Foucault concebem a noção de membro?

responsabilidade um acontecimento breve ou duradouro. No cerne desta colocação, entende-se por poder enquanto um fenômeno social que só pode ser compreendido a partir de abordagens que levam em consideração relações sociais ou, e que sobre isso é possível de ser pensado, interações sejam estas mediadas por pessoas ou face a face (GOFFMAN, 2014). Numa perspectiva relacional, o poder não se "possui", mas se exerce em diferentes dimensões da sociedade (por exemplo, da família a escola, da escola a universidade, da universidade a hospitais psiquiátricos, etc) sendo o Estado este poder transversal que não se perde nem nos aspectos mais micros de relações de poder (FOUCAULT, 2017).

Analisando a Universidade Eduardo Mondlane, principalmente num período específico da história de Moçambique, concretamente de 1975 a 1990, período caracterizado por um tipo de relações políticas definido como "revolucionário"[13], constata-se este aspecto. Independentemente de quais lugares mais micros da esfera da sociedade que se teria em consideração, o Estado, legitimado pela sua reclamação da posse e do uso da violência física (mas também simbólica), tendia a reclamar a sua presença. Nesse contexto, na universidade, desde a sua gestão até as interações mais básicas entre professor e aluno em sala de aulas, imperava a reprodução (mas também a repressão aos "desviantes") da ideologia e do poder do Estado.

De fato, uma investigação acerca do poder que se estabelece na linha de Foucault, tem que dar conta não só das variadas formas de direção, controle, modificação e disciplina comportamental, mas também dos aspectos mais gerais que colocam o indivíduo em um determinado contexto político e num dado corpo social. Parece ser consensual que o papel do Estado encontra aí um lugar central, apesar de não ser nem único nem particular. Goffman e Bourdieu também reservaram um espaço importante na análise do Estado, apesar do primeiro não se focar necessariamente, assim como Foucault, nas relações de poder e nem na análise do Estado.

O segundo, sem dúvida quem, em relação aos outros, deu mais peso ao papel do Estado, considerou este como "uma espécie de *deus obsconditus* – da or-

[13]C.f.: DE AMARAL., A. A. "Ensino de sociologia entre poderes": História e Institucionalização do Curso de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane (1995 a 2012). 2021. Anais do 45º Encontro Anual da ANPOCS. De 19 a 27 de outubro de 2021, realizado de forma remota. ISSN 2177-3092**.** Disponível em ANAIS DOS ENCONTROS (anpocs.com)

dem social"[14] (BOURDIEU, 2014, p. 34 apud MONTEIRO, 2018, p. 97). Ou seja, um deus representado como uma mão invisível em todo o canto onde se possa observar a "ordem social". Entre os três, Bourdieu deu um peso central ao Estado nas suas análises a ponto sobressair dele uma enorme obra, "Sobre o Estado", no qual proporia trilhar um estudo sobre o mesmo (BOURDIEU, 2014).

A noção de Estado como "deus absconditus" sempre esteve na ordem da história da educação superior em Moçambique, e da Universidade Eduardo Mondlane em particular[15], sendo mais centralizado na fase acima mencionada. Neste caso concreto, seria o Estado que definia que ideologia seguir (marxismo), quais cursos oferecer, como as pessoas deveriam se comportar e, inclusive, o que deveria significar ciências sociais (marxismo). Mas, por hipótese, se estes constrangimentos, determinados pela ordem política do Estado-nação, transportavam-se ou transportam-se a partir do topo, não seria de todo insensato argumentar, como faria Goffman (2019), que a tal ordem seria sustenta a partir de baixo, isto é, a partir do que se constitui na própria "ordem da interação"? Sendo Goffman o nosso ponto de partida, parece valer a pena citá-lo sobre esse aspecto:

> O Estado-nação moderno, quase como meio de definir sua existência, reivindica a autoridade final de controle do risco e ameaça à vida, aos membros e à propriedade por toda a sua jurisdição territorial. Sempre em teoria, e frequentemente na prática, o Estado provê arranjos de stand-by para intervir quando os mecanismos locais de controle social falham em manter as rupturas na ordem da interação dentro de certos limites. Particularmente em espaços públicos, mas não somente neles. Só para deixar claro, a ordem da interação prevalecente mesmo nos espaços mais públicos não é uma criação do aparato do Estado. Certamente, a maior parte dessa ordem se forma e é sustentada de baixo, por assim dizer, em alguns casos apesar da autoridade dominante,

[14]"Deus oculto". Ou seja, dizemos nós, uma mão invisível que se estende em todos os cantos onde se dá relações de poder. O que será interessante refletir posteriormente é até que ponto esta "ordem social" sob a qual se encontra o referido "deus", abarca igualmente a "ordem da interação" de Goffman?

[15]A história do ensino superior em Moçambique se confunde com a história da Universidade Eduardo Mondlane, a primeira e a mais antiga do país (criada em 1962) e se encontra intrinsecamente ligada à história do país e, por isso, aos diferentes tipos de relações de poder: colonial, revolucionário e neoliberal (op.cit).

> não por causa dela. Ainda assim, o Estado efetivamente estabeleceu legitimidade e prioridade, monopolizando o uso de armas pesadas e quadros militarmente disciplinados como sanção última. (GOFFMAN, 2019, p. 581)

Aliás, se assim não fosse, como pensaríamos, satisfatoriamente, a resistência como contraparte das relações de poder? Tanto Foucault como Bourdieu, reconhecem o papel da resistência. Por exemplo, o primeiro argumenta que "as relações de poder suscitam necessariamente, chamam a todo instante, abrem a possibilidade de uma resistência, e isso porque há a possibilidade de resistência real" e defende que "quanto maior a astúcia, maior a resistência" e conclui, numa asserção bastante Nietzscheana, que "em todo lugar se está em luta" (FOUCAULT, 1977, p. 232).

Assim, estes elementos, construídos pelos mais estruturalistas entre os três aqui em discussão, pode ser o alicerce sobre o qual os "encontros nos quais a 'impressão' que os sujeitos passam durante a interação afeta suas oportunidades de vida" (Goffman, 2019, p. 585). É neste aspecto em que o estudo mais complexo, mais aprofundado, das relações de poder e como elas implicam na universidade precisaria de ter em conta: o entrelaçamento entre o micro e macro análises.

3 Conversando com Goffman, Foucault e Bourdieu

Os campos de pesquisa aqui abordados conversam entre si, pelo menos essa é a intenção desta produção, a partir de uma rede conceitual que gira em torno dos conceitos de poder, dominação e resistência na emergência da noção de sujeito moderno, descentrado e relacional. Para isto, aciona-se as categorias conceituais de Pierre Bourdieu, Erving Goffman e Michel Foucault que dialogam com o universo das pesquisas em debate. Um elemento central a considerar, é a perspectiva sobre a relação de poder que é possível abordá-la dentro de uma concepção de sujeito descentrado e relacional, nas quais os autores se diferenciam e se assemelham, se aproximam e se distanciam com suas devidas especificidades.

O aspecto central nas relações de poder, para Foucault, é o corpo e o feito desse poder sobre ele. Nesse sentido, o autor critica a insistência marxista na noção do sujeito portador de uma consciência própria, desvinculada do resto do

mundo e das pessoas, cujo poder seria entendido como um dispositivo ou que se apodera desta consciência ou, pelo contrário, que faz dela dominante (FOUCAULT, 2017). Mas, para Foucault, o corpo não só é um elemento central de adestramento, administração e disciplinarização, mas também de emancipação e liberdade. Nota-se aqui, como se sabe, uma abordagem estrutural do corpo[16] que se difere, evidentemente, da proposta de Goffman. Para este, o corpo é uma posse do *self* cuja sua presença em interação define o sujeito. Por outras palavras, só "podemos participar de situações sociais somente se trouxermos nossos corpos e seus apetrechos conosco, e esse equipamento está vulnerável em virtude das instrumentalidades que os outros trazem com seus corpos" (GOFFMAN, 2019, p. 577).

Assim, para Goffman, o corpo é um instrumento, um aparato através do qual a interação depende e sobre o qual a instrumentalização, advindas dos constrangimentos da ordem da interação, o torna vulnerável aos outros membros da interação. Todavia, à semelhança de Foucault, Goffman considera o corpo, senão material como quer aquele, pelo menos real, de forma que se coloca na interação a fim de suscitar uma imagem de si ao encontro com o outro, em que o sujeito/corpo constrói sua multiplicidade na negociação para a aceitação da ordem social e cultural. Por isso, diz ele, "a natureza mais profunda de um indivíduo não vai muito mais fundo do que a pele, a espessura da pele de seus outros" (GOFFMAN, 1979, p. 354 apud MARRERO-GUILLAMÓN, 2012, p. 318).

Entretanto, para Bourdieu, o corpo não é objeto, mas um espaço gerador de disposições incorporadas do indivíduo, disposições estabelecidas de maneira relacional, seja de grupo, classe ou individuais. Trata-se do corpo socializado, um corpo detentor de um *habitus*, um conjunto de disposições incorporadas de forma inconsciente que irão orientar suas ações. É percebido no corpo, as marcas de sua trajetória, formas de identificação, seu processo de socialização. O corpo, em Bourdieu, pode ser visto como espaço de disputa de poder, uma vez que a linguagem corporal, as formas de expressão e os usos podem estar sujeitas às formas de dominação, que também apresenta uma linguagem corporal.

De qualquer forma, os mais estruturalistas olham o corpo como objeto de corporificação da violência do cerne das relações de poder ou como disposições que se estabelecem num *habitus*. Goffman, por sua vez, olha nele somente o que

[16]Geralmente entendido e adotado por Foucault do ponto de vista político. E, por vezes, como na Microfísica de Poder (2017), como crítica severa ao marxismo e a filosofia clássica que sobrevalorizam mais a consciência, a alma do que de fato é, para ele, mais material: o corpo.

se "apresenta" e o que revela a "apresentação". Assim, por qualquer sentido que se possa dar, ambos concordam que o corpo é o elemento central na constituição do sujeito. A contribuição de Goffman no tratamento desta constituição, no contexto da linha de abordagem na qual ele representa — sociologia situacional-interacionista (Marrero-Guillamón, 2012) — centra-se na restauração do corpo como elemento indispensável da noção do sujeito ao considerar a pele, o seu revestimento e todo "corpo do corpo", por assim dizer, na pluralidade do sujeito (idem).

Tanto Goffman como Bourdieu e Foucault criticam uma sociologia (ou uma filosofia, no que concerne a este último) objetivista, que reifica a sociedade, condicionando fortemente a ação dos indivíduos às forças estruturais, aos "mecanismos causais" da estrutura, como um ser ontologicamente autônomo em relação aos indivíduos. Dessa forma, algumas imagens conceituais que se aliam a um pensamento objetivista tendem a pensar categorias como "sociedade" como algo separado dos sujeitos que as constituem. Bourdieu, por sua vez, também criticou fortemente o subjetivismo presentes nas teorias sociais, sendo um crítico, por exemplo, da leitura de Schultz[17], mais próxima de uma sociologia com bases fenomenológicas, de forma que a Sociologia Bourdieusiana retoma o sujeito de uma forma descentrada e relacional.

Goffman, em resposta ao objetivismo nas ciências sociais, resgata o sujeito como ponto de partida de sua teoria, porém, como Bourdieu, o interesse de Goffman não está no indivíduo como sujeito. Pelo contrário, o interesse da Sociologia Dramatúrgica de Goffman está na *ordem da interação*, ou seja, o sujeito goffmaniano é um sujeito descentrado, cuja descentralidade se estabelece nas situações particulares, mas também diversas, de interações sociais (MARRERO--GUILLAMÓN, 2012), isto é, como ele próprio escreve, interações "corpo a corpo" (GOFFMAN, 2019, p. 574) . Ambos os autores (Goffman e Bourdieu) e suas categorias de pensamento auxiliam a refletir sobre questões práticas envolvendo o campo (para utilizar uma terminologia bourdieusiana) das artes e da educação.

O espaço do poder e dominação nas teorias de Goffman e Bourdieu abrangem a ideia do ajustamento entre disposições e contexto (campos, no caso de Bourdieu). Goffman (1987) dá o nome de *ajustamento secundário* para aquelas disposições em que os indivíduos acionam estratégias de subversão do ordenamento estabelecido na instituição. Assim, o ajustamento primário seria aquele referente aos indivíduos que cooperam com o contexto convencionado institu-

17 C.f.: SCHÜTZ, Alfred. La construcción significativa del mundo social. Traducción de Eduardo J. Prieto. Barcelona: Editorial Paidós, 1993.

cionalmente. Para Bourdieu (2016), o poder passa pela manutenção de uma ordem por um grupo dominante. É assim que, no campo, observam-se dominantes e dominados, estabelecidos pela distribuição desigual de poder simbólico. Nesse contexto, o conceito de resistência se constrói de maneira relacional com as formas de dominação. Dessa maneira, as estratégias de subversão do campo pelos dominados são encaradas como resistência.

Tanto Goffman quanto Bourdieu e Foucult focalizam suas análises a partir das ações dos atores ou dos agentes sociais, as convergências entre os autores podem construir uma contribuição para uma teoria de um sujeito situacional-interacionista e relacional, apesar de Goffman não ter preocupações com uma teoria do sujeito, mas analisa o ator sob uma outra perspectiva. Marrero-Guillamón (2012, p. 323) pontua que o *self* de Goffman, sendo "um guia para a ação", não é muito diferente do que Bourdieu denomina de *habitus*. Assim, ambos os conceitos têm pontos convergentes, ainda que Bourdieu considere o habitus obviamente dentro das relações de poder do campo.

Quando observamos as imagens conceituais de Bourdieu e Goffman, a forma como ambos os autores se utilizam da noção de espaço se revela de maneiras diferentes. De modo que Goffman, ou se referir aos espaços, ao *palco* onde acontece a interação, ou o *cenário*, está se referindo ao mundo físico e os objetos que o compõem. Enquanto Bourdieu, ao referir-se a *espaço social*, aciona uma categoria conceitual que dá conta de englobar um espaço onde se travam as lutas simbólicas, as relações de poder, o que impacta diretamente nas noções de *self* e de *habitus* de ambos autores.

Ao considerar o espaço social como espaço das relações de poder, um espaço relacional, Bourdieu engloba tanto os mecanismos estruturais quanto a questão da ação. As ações dos indivíduos não estão separadas da estrutura, mas sim imbuídas de interesses estabelecidos a partir do campo. Segundo Wacquant (2013, p. 88), "ao abraçar *ab inceptio* tanto a estrutura quanto o agente, o quadro relacional de Bourdieu também diverge claramente tanto da abordagem marxista quanto da weberiana de classe", dessa forma o autor trabalha uma síntese no contínuum estrutura/ação e busca superar uma dicotomia bastante presente na sociologia clássica.

Em Bourdieu, o poder simbólico, encontra-se nos lugares em que é dificilmente percebido, e nesse sentido é "com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem". (BOURDIEU, 2016, p. 7-8). O poder

simbólico tem, portanto, a prerrogativa de impor determinada visão de mundo, estando inserido nas lutas por classificação, que é um tema central na sociologia bourdieusiana. Então, visto por esse ângulo, a dominação no campo artístico e da educação está vinculada à distribuição de poder simbólico no campo, para assim determinar nas lutas e nas resistências, uma imposição de visão de mundo.

A classe dominante, compreendida aqui no campo intelectual e artístico, estabelecida especialmente pelo capital econômico, é detentora de parte substancial da distribuição desigual de capital, portanto, portadora da capacidade de impor sua visão de mundo. Para a efetividade desta imposição, utiliza-se artifícios (dentro do contexto da pesquisa) de intelectuais e artistas com intuito de manutenção do *status quo*, intermediando os interesses dos dominantes, "visando a aquisição, o controle e a disputa por diversas espécies de poder ou de 'capital'" (Wacquant, 2013, p. 89). Na educação, é intermediada pelas instituições de ensino, nas quais produzem e reproduzem as dominações e resistências. À vista disso, a abordagem de Bourdieu, segundo Wacquant (2013, p. 89), é "intensamente agonística", aproximando-se de Weber, pois centra-se nas lutas e não somente na reprodução, abrindo espaço para uma crítica emancipatória.

O poder disciplinar em Foucault pode auxiliar a perceber como ajustamentos sociais, no sentido de Goffman, podem ser estabelecidos a partir de micro relações de poder. No campo da educação, práticas interventivas em resposta às práticas transgressoras, assumem um assujeitamento dos indivíduos. No campo das artes, ainda que analisado com enfoque em subcampos insurgentes, o poder disciplinador age subjugando as formas de ser dos indivíduos frente a instituições ou grupos dos quais faz parte. Como argumenta Foucault (2009, p. 142), o próprio espaço da escola exerce um lugar de disciplina, onde sua organização carrega uma organização de controle, "como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar". Da mesma forma, a vinculação às convenções do campo artístico também funciona como réguas de hierarquia e recompensa.

Para Marrero-Guillamón (2012), o *self* não é definido no indivíduo em si mesmo, mas é resultado da negociação constante consigo e com o outro. No processo de interação, o sujeito se constitui a partir da aceitação de si e do outro. Como diz Goffman, a construção do sujeito tem a ver com o ajuste às normas sociais no pertencimento ao quadro social. Os sujeitos se disponibilizam na copresença, sob uma ritualística envolvente e padronizada que legitima o 'código ritual', compreendido em Goffman (2011) como algo sagrado para o equilíbrio

da ocasião. Um estado que assegura o encontro entre os sujeitos na cultura e arte, na escola e na universidade, nas quais em cada encontro social, os indivíduos tendem assumir certo padrão verbal ou não verbal em contato face a face com o outro, mesmo que ela nem se dê conta, acabam assumindo e os demais a percebem como uma forma voluntária.

Conforme Goffman (2011), a linha assumida pelo indivíduo durante a interação inclina-se a um estado legítimo de institucionalização, em que os atributos incorporados são uma combinação da "*regra do respeito próprio e da regra da consideração*", um tipo de aceitação mútua. E nos campos desta discussão, presumimos que os sujeitos são movidos para se manterem no processo interativo em busca de responsabilização coletiva e equilíbrio nas relações de convivência social. Em Foucault (2009), isso significa como forma de classificação e enquadramento dos sujeitos às estruturas de controle e disciplina a que estão sujeitos. O que acontece são relações de poder, mas também, relações de força que dão sentido a essas relações sociais. Para Bourdieu, um ajustamento entre as disposições e a estrutura passa pelas formas de dominação do espaço social, onde as condutas sociais aceitáveis são estabelecidas por meio do campo de poder.

Todas as questões abordadas em cada uma das três pesquisas presentes nesse trabalho vinculam-se a partir das considerações sobre poder, seja a partir de Goffman, Bourdieu ou Foucault, no entanto, uma aproximação teórica precisa ser atualizada na investigação empírica do campo de pesquisa. Assim, toma-se o presente avanço investigativo como um ponto de partida de reflexões que auxiliam na imersão nos campos empíricos, seja do campo artístico, seja do campo da educação. É a partir do choque entre teoria e pesquisa empírica que as categorias de pensamento se reformulam e revelam aspectos fundamentais da realidade social investigada.

4 Considerações Finais

No primeiro campo de pesquisa, o trabalho investiga as possibilidades e o espaço da *agência* nas relações da produção e circulação de bens culturais, especificamente do cinema como prática social no campo das culturas artísticas. Passando por uma rede conceitual que auxilia na compreensão da questão da *criatividade/resistência*, duas categorias que acionam o problema da *estrutura/ação* para pensar a imagem conceitual de *resistência* de artistas frente a estrutu-

ras e *convenções* desfavoráveis, ou a espaços de produção não-hegemônicos. No campo da educação, as experiências aqui mencionadas, objetiva reunir esforços para a análise do sujeito implicado na mediação de conflitos e nos círculos de construção de paz, referente a escola de ensino básico, e as relações de poder intrínseca à questão da universidade em Moçambique. Pelo menos, esta foi a intenção, quanto ao papel do sujeito descentralizado e relacional, perpassando as discussões em torno das relações de poder e de lutas inerentes aos campos. Para tanto, foram mobilizadas categorias e modelos de pensamento articulados entre o cruzamento de três perspectivas teóricas.

Goffman procura conhecer a sociedade a partir de uma perspectiva da descentralidade do sujeito, que não se confunde com o indivíduo, mas com a relação entre o espaço e o vínculo social. Na teoria de Goffman (2010), especialmente sobre comportamentos em lugares públicos, observa-se como indivíduos totalmente cerceados por *constrangimentos* podem sobrepujar-se na interação, por meio da manutenção de *fachadas* ou outros mecanismos de salvaguarda do *self*. Assim, em Goffman encontra-se a possibilidade de escapar das estruturas que constituem a interação. De maneira semelhante, em Foucault e Bourdieu, é possível verificar o espaço de uma crítica emancipatória, uma vez que ambos autores reservam um substancial espaço de discussões para o problema da resistência em seus debates.

Nesse sentido, Goffman talvez apresente uma capacidade agentiva com mais potencialidade que Foucault na medida em que este ressalta que as práticas discursivas são resultadas da *sujeição dos sujeitos*. Enquanto Goffman não está interessado no processo de sujeição, e sim como, apesar da estrutura das *instituições totais*, os indivíduos elaboram formas de resistência e subversão dessas estruturas (MACIEL E MOURA, 2013). O sujeito se constrói dentro do processo relacional nas brechas e possibilidades de escapar das estruturas no continuum estrutura-ação. É "movendo-se no interior" que o sujeito se rearranja e emerge na perspectiva situacional-interacionista e relacional (MARRERO-GUILLAMÓN, 2012, p. 323). Para Bourdieu, o sujeito também emerge dentro do processo relacional, assumindo uma dimensão de síntese entre estrutura e agente.

Assim, quanto aos artistas que atuam em um espaço marginal do campo das artes, a emergência do sujeito passa pela produção das estratégias e táticas de subversão e insurgência em relação às convenções, linguagens e discursos produzidos no campo. Na seara da educação, as estratégias de emergência do sujeito frente aos mecanismos de reprodução da estrutura também são postas

em evidência, enquanto a noção de sujeito relacional e descentrado é construída dentro de uma rede relações constituídas por vínculos simbólicos ou materiais. A construção do self e do sujeito relacional é vinculada aos espaços estratégicos de emergência do sujeito na relação a partir de mecanismos de manutenção, salvaguarda do *self* e de *resistência* às dominações.

Enfim, as perspectivas teóricas de Erving Goffman, Pierre Bourdieu e Michel Foucault encontram algum cruzamento, ainda com convergências e divergências, ao tratar das relações de poder. Algo crucial dentro da sociologia situacional interacionista de Goffman, da noção de campos de poder de Bourdieu e do poder disciplinar em Michel Foucault. Esses conceitos, auxiliam a pensar a emergência de um sujeito relacional, que não se constitui em si mesmo, mas na relação com o outro, estabelecendo estratégias de manutenção do *self* ou de resistência aos poderes que incidem sobre e contra os indivíduos. É a partir de uma rede conceitual, primeiramente suscitada pelos três autores, em diálogo com os campos de pesquisa da arte e da educação que procurou-se estabelecer eixos de conexão que possam dar conta do problema do sujeito nas relações de poder, dominação ou disciplinamento dos corpos.

RECEBIDO em 30/11/2022
APROVADO em 23/04/2023

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sinara Mota de. **Avaliação das concepções de violência no espaço escolar e a mediação de conflitos**. Fortaleza - Ce. 2009. 188 fls. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: < http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/5893>. Acesso em: 24 jan. 2020.

BECKER, Howard S. **Os mundos da arte**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem**: Vigilância e resistência na dadosfera. Ubu Editora, São Paulo, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado:** Cursos no Collège de France (1989-92). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une théorie de la pratique précédée de trois** études **d'ethnologie kabyle**. Paris/Genève: Librairie DROZ, 1972.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. Ed. Rev. Atual. Lisboa: Edições 70, 2016.

BORTOLUCI, José Henrique. **Razão prática, performatividade e criatividade situada**: tensão e complementaridade em três paradigmas da ação. Revista de Ciências Sociais, n. 40, Abril de 2014.

BUTCHER, Pedro. **Hollywood e o mercado de cinema brasileiro**: princípio(s) de uma hegemonia. 2019. Tese (Doutorado em Cinema). Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Acesso em dez. 2021.

DE AMARAL., A. A. **"Ensino de sociologia entre poderes": História e Institucionalização do Curso de Licenciatura em Sociologia na Universidade** Eduardo Mondlane (1995 a 2012). 2021. Anais do 45º Encontro Anual da ANPOCS. De 19 a 27 de outubro de 2021,

realizado de forma remota. ISSN 2177-3092**.** Disponível em ANAIS DOS ENCONTROS (anpocs.com).

DE AMARAL, Alcides A. **"Ensino de sociologia entre poderes": História e Institucionalização do Curso de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane (1995 a 2012)**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Fortaleza, 2021.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros**: Raça e Representação. 1ª ed. Elefante, São Paulo, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 37ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Poder e Saber** (Entrevista com S. Hasumi gravada em Paris, em 13 de outubro de 1977), (UMI, dezembro de 1977, p. 223-240). In: Coleções Ditos e Escritos VI, Manoel Barros da Motta (org.). 2.Edição. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/estratc3a9gia-poder-saberextratos.pdf>.Acesso em 05 de jun. de 2021.

GOFFMAN, Erving. **A ordem da interação**: Discurso presidencial da American Sociological Association, 1982. Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc. – Rio de Janeiro – Vol. 12 – no 3 – SET-DEZ 2019.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. SP: Perspectiva, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Tradução de Gentil A. Titton. Petropólis, RJ: Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JOAS, Hans. **The Creativity of Action**. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

MACIEL, Cleiton Ferreira; MOURA, Jeanne Mariel Brito de. **Pontos de confluência e de divergências entre as abordagens sociológicas de Erving Goffman e Pierre Bourdieu**. Revista Elaborar, ano 1, n. 1, 2013.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. 2 ed., 4a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

MENDES, Hercilia Raquel de Sousa. **A dimensão simbólica do cinema "independente" contemporâneo**: a produção de sentidos de seus realizadores em Teresina (PI) no período de 2014 a 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, 2020.

MENEZES, P. **Sociologia e Cinema**: Aproximações teórico-metodológicas. Teoria e Cultura, v.12, n.2, p.17-36, jul./dez 2017.

MIGLIORIN, Cezar. **Cinema e escola sob o risco da democracia**. in: Cinema e educação: uma relação sob a hipótese da alteridade. Revista Contemporânea de Educação. v.5, n.9, Rio de Janeiro, 2010

MONTEIRO, José Marciano. **10 lições sobre Bourdieu**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.

OLIVEIRA JR., F. A. de. **Narrativas contra-hegemônicas**: A Sociologia e o Cinema das imagens de resistência em Bacurau. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí. Acesso em dezembro de 2021.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **Queer decolonial**: quando as teorias viajam. São Carlos: Contemporânea, 2015

SILVA, Maria C. L. da. **Círculos de construção de paz: experiência e olhares na escola pública**. Fortaleza - Ce. 2020. 186 fls. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SCHÜTZ, Alfred. La construcción significativa del mundo social. Traducción de Eduardo J. Prieto. Barcelona: Editorial Paidós, 1993.

VANDENBERGHE, Frédéric. **Além do habitus**: teoria social pós-bourdieusiana. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

VEZZULLA, Juan Carlos. **A Mediação comunitária**: desafios e perspectivas. *Revista da Faculdade de Direito UniRitter*, nº 11, 2010.

WACQUANT, Loïc. **Poder simbólico e fabricação de grupos**: como Bourdieu reformula a questão das classes. Novos Estudos CEBRAP, n. 96. Julho, 2013.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva (Vol. 2). São Paulo: EdUnB, 2004.